

**FUTSAL DE MENINAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO SUL DE MINAS GERAIS:  
(IM)PERTINÊNCIAS, DESAFIOS E RESISTÊNCIAS*****WOMEN'S FUTSAL IN A PUBLIC SCHOOL IN THE SOUTH OF MINAS GERAIS:  
IMPERTINENCES, CHALLENGES AND RESISTANCE******FUTSAL DE NIÑAS EN UNA ESCUELA PÚBLICA DEL SUR DE MINAS GERAIS:  
IMPERTINENCIAS, DESAFÍOS Y RESISTENCIAS***

Luciene de Aguiar Andrade<sup>1</sup>  
Rubens Antonio Gurgel Vieira<sup>2</sup>  
Kleber Tüxen Carneiro<sup>3</sup>  
Fábio Pinto Gonçalves dos Reis<sup>4</sup>

**RESUMO:** Trata-se de um artigo cujo teor exhibe uma investigação na qual se perscrutaram um grupo de meninas e um professor responsável por arquitetar a prática do futsal de maneira sistematizada, numa instituição escolar. A literatura especializada patenteia o futsal como espaço de hegemonia masculina, reforçada pelos arquétipos de generificação que excluem as mulheres dos ambientes e pelas experiências socioculturais em que há certa “reserva” para homens. Participaram da investigação seis meninas e um docente. É um estudo qualitativo, à luz das teorias pós-críticas, notadamente no âmbito das relações de gênero no esporte. A pesquisa ocorreu em uma escola pública do Sul de Minas Gerais e, para erigir os dados empíricos, foram realizadas entrevistas narrativas. Os dados cotejados revelaram diversos estratégias de transgressão e resistência, alvitando desconstruir as relações de poder naturalizadas na esfera do futsal. Além disso, constatou-se o fato de as alunas granjearem melhores espaços-tempo para realização da prática corporal esportiva. Ademais, averiguou-se que o docente desempenhou um papel formativo expressivo para o coletivo de jogadoras.

**Palavras-chave:** educação física escolar; futebol de meninas; resistência; escolarização.

**ABSTRACT:** *This is an article whose content displays an investigation in which a group of girls and a teacher responsible for architecting the practice of futsal in a systematized way, in a school institution, were analysed. The specialized literature indicates futsal as a space of male hegemony, reinforced by gendered archetypes which exclude women from environments and sociocultural experiences in which there is a certain “reserve” for men. Six girls and one teacher participated in the investigation. It refers to a qualitative study, in the light of post-critical theories, notably in the context of gender relations in sport. The research took place in a public school in the south of Minas Gerais. In order to build the empirical data, narrative interviews were conducted. The collated data revealed several stratagems of transgression and resistance aiming to deconstruct the naturalized power relations in the sphere of futsal.*

1 Licenciada em Educação Física e mestra em Educação pela Universidade Federal de Lavras. Secretária da Educação do Estado de Minas Gerais, Lavras/MG, Brasil. <https://orcid.org/0009-0002-9379-0402>. E-mail: [lucienedeaguiarandrade@gmail.com](mailto:lucienedeaguiarandrade@gmail.com).

2 Licenciado em Educação Física, Pedagogia e Filosofia. Mestre em Didática pela Faculdade de Educação da USP e doutor em Currículo pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Docente da Universidade Federal de Lavras, Lavras/MG, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-9409-9245>. E-mail: [rubensgurgel@gmail.com](mailto:rubensgurgel@gmail.com).

3 Licenciado em Educação Física e Pedagogia. Mestre e doutor em Educação Escolar pela UNESP/ FCLAr. Docente da Universidade Federal de Lavras, Lavras/MG, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0826-6172>. E-mail: [kleber2910@gmail.com](mailto:kleber2910@gmail.com).

4 Licenciado em Educação Física. Mestre em Educação pela Universidade São Francisco-USF e doutor em Educação pela USP. Docente da Universidade Federal de Lavras, Lavras/MG, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-4797-5895>. E-mail: [fabioreis@ufla.br](mailto:fabioreis@ufla.br).

*In addition, it was verified the fact that they gain better space-times to carry out the sports body practice. In addition, it was found that the teacher played a significant formative role for the group of players.*

**Keywords:** *school physical education; girls football; resistance; schooling.*

**RESUMEN:** *Este es un artículo cuyo contenido muestra una investigación en la que se analizó a un grupo de niñas y a una profesora responsable de arquitecturar de manera sistematizada la práctica del fútbol sala, en una institución escolar. La literatura especializada señala al fútbol sala como un espacio de hegemonía masculina, reforzada por arquetipos de género que excluyen a las mujeres de entornos y experiencias socioculturales en las que existe una cierta “reserva” para los hombres. En la investigación participaron seis niñas y una profesora. Se trata de un estudio cualitativo, a la luz de teorías poscríticas, especialmente en el contexto de las relaciones de género en el deporte. La investigación tuvo lugar en una escuela pública del sur de Minas Gerais. Para construir los datos empíricos se realizaron entrevistas narrativas. Los datos recopilados revelaron varias estrategias de transgresión y resistencia destinadas a deconstruir las relaciones de poder naturalizadas en el ámbito del fútbol sala. Además, se constató que ganan mejores espacios-tiempos para realizar la práctica deportiva corporal. Además, se encontró que el profesor jugó un papel formativo importante para el grupo de jugadores.*

**Palabras clave:** *educación física escolar; fútbol femenino; resistencia; enseñanza.*

## Introdução

Os divertimentos nas sociedades muito me interessam: as canções, os espetáculos [incluindo o futebol] sempre constituíram fontes essenciais para a compreensão de uma [dada] época<sup>5</sup> (Le Goff, 2007, p. 43).

O excerto, anteposto para compor a epígrafe de nosso artigo, figura como moldura para introduzir a temática da qual versa o texto. Nele, o historiador Jacques Le Goff (2007) assinala a relevância das manifestações culturais artísticas – denominando-as de divertimentos – para compreender a tessitura de uma sociedade em um dado tempo histórico.

Decerto sua ilação nos parece assertiva e perspicaz, na medida em que, ao se examinar as implicações do futebol à sociedade hodierna, indubitavelmente, nota-se se tratar de um fenômeno sociocultural com expressiva notabilidade, haja vista seus diferentes contextos, cenários, significados e desígnios no conjunto das atividades humanas (Paes, 2002). Ora, se por um lado há o reconhecimento da repercussão do universo esportivo futebolístico (em seus “múltiplos tentáculos” e matizes) no tempo presente, por outro ele se torna (por usurpação) um espaço notável para revérberos de padrões comportamentais, injustiças, desigualdades

---

5 Trata-se de um enunciado expresso pelo historiador Jacques Le Goff e que está inscrito na obra intitulada: *Uma vida para a história: conversações com Marc Heurgon*, publicada em 2007, sob a organização da Editora Unesp.

sociais e distintas expressões de preconceitos – de raça, gênero, credo, dentre outros. Com efeito, tem-se, em alguns contextos, o olvidamento ou a obliteração de acesso aos conteúdos e saberes atinentes ao domínio do futebol (não seria uma hipérbole inscrever futebóis), seja nos espaços (in)formais de lazer, seja nas instituições formais de ensino, as quais refletem, em seu microcosmo social, as mazelas e contradições humanas (Dubet; Duru-Bellat; Véréout, 2012).

Desse modo, o objetivo de nosso estudo versou por prospectar um grupo de meninas integrantes de uma escola pública do Sul de Minas Gerais, *pari passu* o professor de Educação Física, em cuja atuação conjunta com o referido coletivo granjeou (sob um contexto de adversidades e tensões) melhores tempos-espacos à prática do futsal numa instituição educativa. Em outros termos, a investigação cotejou as experiências relatadas por meninas e um docente para instituírem, desenvolverem e conservarem a prática esportiva do futsal, considerada historicamente uma atividade hegemonicamente de reserva masculina (Dunning, 1992). Para tanto, propôs-se uma indagação norteadora, a saber: quais as acepções, experiências e os processos que têm a gênese, o desenvolvimento e a conservação de um coletivo de futsal feminino na instituição escolar prospectada?

Em termos epistemológicos, a pesquisa se pavimenta sob as perspectivas pós-críticas, na esfera dos estudos sobre gênero, de maneira que, ao abrigo desse campo teórico, se possa “lançar luz” à inquirição aludida. Em função de o referido campo teórico ser demasiadamente amplo, fez-se a opção por autores(as) cujas contribuições epistemológicas dialogassem de maneira específica ou de modo transversal com o escopo das análises, sendo eles(as): Foucault (1986, 1992, 1996); Scott (1995); Louro (1997, 2001, 2013); Goellner (2003, 2004, 2005); Devide (2003; 2005); Corsino e Auad (2012).

A investigação justifica-se em virtude de as mulheres enfrentarem, amiúde, a masculinização de seus corpos quando se inserem no universo da prática do futebol ou de suas variações, afora os processos de subjugação, aviltamento e oclusão, quando ousam sobrepujar os limites e as demarcações de gênero no esporte. Com efeito, transcendem os estereótipos historicamente naturalizados e, por sua vez, passam a ser associadas ao sexo masculino e colocadas em suspeição quanto à sua orientação sexual (Altmann, 1998; Goellner, 2005; Bastos; Navarro, 2009; Kessler, 2015).

Conjectura-se que este artigo possa fomentar caminhos heurísticos e didáticos para se pensar o ensino da referida prática esportiva no interior das aulas de Educação Física. Ademais, possa lançar rebento ao indicar “itinerários de resistências” às meninas nos espaços de lazeres esportivos (e tantos outros), ao passo que os possa (re)afirmar como lugares de pertencimento, permanência e convivência humana, independentemente dos marcadores

sociais com os quais se definam. Segundo Foucault (1986), a resistência está incorporada aos estratagemas do poder e, desta forma, onde existe poder há possibilidade de resistência, como se evidenciou nas estratégias construídas pelas meninas investigadas, as quais exporemos ulteriormente. É oportuno dilucidar que, no contexto dessa perspectiva teórica, a emancipação de grupos situados à margem da sociedade se torna um processo não enrijecido, mas disruptivo, por assim dizer, e, logo, o microcosmo da Educação Física teria pujança para suscitar o erigir de vozes dos(as) subjugados(as) na medida em que conclamam por uma educação democrática voltada às diferenças (Eto; Neira, 2017).

Prospectar a escola e sua dinâmica sociocultural implica inclinar-se para os modos com os quais são urdidas (ou reproduzidas) as relações (de poder) no interior desta instituição formativa de expressiva relevância histórica. Quanto a isso, Louro (1999, p. 57) adverte que a instituição educativa colabora para a manutenção de dispositivos não democráticos, pois, “na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso”. Acrescenta, ainda, que “ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes”. Além disso, “fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas”.

Consectário, a política de classificação dos corpos reverbera, de algum modo, no interior das experiências engendradas nas aulas de Educação Física, mais especificamente no tocante à prática de futsal por meninas integrantes da educação básica, conforme os dados da investigação revelarão mais adiante. O campo dessa manifestação corporal esportiva e institucionalizada se encontra eivado por diversas adversidades, prejulgamentos e pelas desigualdades de gênero – e de outros marcadores sociais – advindas de signos, arquétipos, discursos<sup>6</sup> e condutas disseminadas na sociedade e por vezes reforçadas na escola, quando o mote insurge de modo fortuito ou mesmo de maneira planificada.

No que se refere ao plano metodológico, trata-se de uma investigação qualitativa (Lüdke; André, 1986; Sampieri; Collado; Lucio, 2013), na qual se empregaram entrevistas

---

6 Entendemos esse conceito segundo o postulado por Foucault (1986; 1996), tanto em *A Arqueologia do Saber* quanto em *A Ordem do Discurso*. À vista disso, considera-se o discurso como uma prática social com a qual se produzem relações de poder e de saber, seja no ato de falar, transmitir e articular ideias, por intermédio da escrita, do gesto, do olhar, enfim, do campo da comunicação social.

narrativas<sup>7</sup> para a produção dos dados empíricos juntamente com as participantes e o docente – uma espécie de mentor da equipe em questão – da instituição escolar perscrutada (Andrade, 2012). Adotou-se a entrevista semiestruturada por conferir maleabilidade ao diálogo e suscitar flancos e interações entre entrevistador(a) e depoentes, facultando, por sua vez, certa liberdade e fluidez ao se retroalimentar as respostas (Bogdan; Biklen, 1994; Boni; Quaresma, 2005; Lüdke; André, 1986; Sampieri; Collado; Lucio, 2013).

Na continuidade, exibiremos um quadro síntese no qual constam as indagações por intermédio das quais o diálogo foi mediado, guardando relação direta com os objetivos do estudo.

### Quadro 1 – Sequência de indagações às entrevistas

Como surgiu o desejo de praticar futebol nas aulas de Educação Física?
De que maneira a equipe de meninas jogadoras foi sendo formada no interior da escola?
Como foi a experiência de aprender uma modalidade considerada acessível apenas aos meninos?
Quais relações se podem estabelecer entre a prática do futebol e as aprendizagens para a vida cotidiana?
Por gentileza, mencione situações marcantes que aconteceram ao longo desse processo de reivindicação e desenvolvimento da prática do futebol (feminino) na escola.
Fique à vontade para comentar ou acrescentar algo que considere significativo a respeito do futebol, da escola e da vida de modo geral.

**Fonte:** elaborado pelos autores (2025).

O decurso das entrevistas foi permeado por ambiguidades, conflitos e aprendizagens (tanto ao – à – entrevistador(a) quanto aos – às – pesquisados(as)). No contato inicial com as possíveis alunas entrevistadas, foram explanados os objetivos da investigação, *pari passu* a relevância da participação de cada uma delas, inclusive para o registro e cotejamento do impacto científico dos desdobramentos cuja iniciativa foi viabilizada para elas e a comunidade escolar. A despeito de termos contatado um número significativo de meninas integrantes da equipe, muitas desconsideraram ou não aderiram à iniciativa do estudo, intrigantemente. Em virtude de a participação se consistir num processo voluntário, logo, a ausência de manifestação incidiu na automática exclusão do rol de (potenciais) integrantes.

---

7 As entrevistas só ocorreram mediante a aprovação do Projeto de Pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos, sob o parecer n. 3.939.903.



Empós o vencimento do processo ardiloso envolvendo a produção do material empírico, partiu-se para a seleção, organização e exegese dos relatos das depoentes praticantes de futebol na escola. Preferiu-se, num primeiro momento, perscrutar os excertos narrativos produzidos de “modo flutuante” – *mutatis mutandis*, uma premissa epistemológica com similitudes aos postulados no método de análise do conteúdo formulado por (Bardin, 2009). Em seguida, foram agrupados em unidades temáticas, aprofundando e estabelecendo ilações e correlações congruentes, contudo, notou-se a frequente referência ao professor de Educação Física responsável pelo coletivo futebolístico. Sendo assim, tomou-se a decisão de entrevistá-lo, haja vista a alusão ao seu nome, somado à conjectura de que a sua participação pudesse engendrar dados e informações referentes à composição e ao desenvolvimento do coletivo de jogadoras. Em termos analíticos para o escrutínio dos relatos, empregou-se a análise temático-discursiva na qual o(a) pesquisador(a) empreende uma imersão nos materiais empíricos, resultando na familiarização com potenciais unidades discursivas, considerando-se a profundidade e amplitude epistemológica no contexto do estudo, inclinando-se às questões de gênero e às implicações do poder à construção e afirmação do coletivo prospectado (Pereira; Reis; Mazzei, 2024).

Pensando no plano ético do estudo, procurou-se afiançar o anonimato das entrevistadas, igualmente em relação ao docente, suprimindo quaisquer sinais de identificação – semelhantemente ao preconizado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos. Por outro ângulo, notou-se uma consentânea admissão para conferir visibilidade ao futebol feminino, amiúde, secundarizado. Por esse motivo, empregaram-se os nomes de jogadoras da seleção brasileira de futebol de campo para identificar as participantes, tal-qualmente ao docente na equivalência de técnico, conforme se verá ao longo do texto. Trata-se de um estratagema metodológico, no primeiro momento, em virtude de guardar relação direta com o mote investigado. Soma-se a isso o intento de conferir destaque às singularidades e aos processos de identificação cujo grupo de praticantes suscitou. Alvitra-se, ademais, fomentar reflexões a respeito dos processos históricos de expropriação da mulher nos espaços de “exclusividade masculina”, à semelhança de como se constituiu – e ainda se conserva, em alguma medida – o futebol feminino (Dunning, 1992).

Assim, no Quadro 2 há a identificação das meninas pesquisadas (*ex aequo* a do docente) e o tempo de prática do futsal.

#### **Quadro 2 – Informações sobre as participantes das entrevistas**

##### **PARTICIPANTES DAS ENTREVISTAS**

Nome	Tempo de prática
Marta	1 ano e 6 meses
Formiga	5 anos
Cristiane	4 anos
Aline Pellegrino	2 anos
Sissi	4 anos
Andressa Alves	5 anos
Pia Sundhage	Professor de Educação Física e tutor da equipe de futsal há 4 anos

**Fonte:** elaborado pelos autores (2025).

É importante, além do mais, descrever – ainda que de modo lacônico – o *lócus* da pesquisa. Diz respeito a uma instituição pública da rede estadual que disponibiliza formação escolar para os anos finais dos ensinos fundamental e médio, situada num município da região Sul de Minas Gerais. Tal e qual exposto em outros momentos, é convindo reiterar que o coletivo investigado emergiu do “chão da quadra”, no interior da referida instituição, sob o encorajamento de um docente cuja atuação figura como uma espécie de mentor das discentes. A microrrealidade prospectada resulta, portanto, da reivindicação de uma confraria de garotas entusiastas do universo futebolístico, as quais se organizam desde meados do ano de 2017, para granjear tempo/espço para a iniciação, experimentação e o desenvolvimento dos saberes e práticas do futsal no contexto educativo deste artigo. A despeito do impulsionamento conferido pelo aludido professor, a proatividade para postular com a diretora um horário específico para a prática do futebol adveio das estudantes. Sendo assim, foi uma ação conjunta impelida pelo desejo de acesso e democratização da referida prática corporal esportiva.

Dessa maneira, tendo exposto uma espécie de quadro panorâmico da investigação, na continuidade delimitaremos a noção de gênero, dadas a amplitude e as deformações epistêmicas cujo tema suscita, notadamente neste tempo histórico.

### Sobre o conceito de gênero

Tendo como premissa (consciência histórica) que as palavras compõem (e talham) o tecido da história (Louro, 1997), o termo gênero vinculou-se ao próprio advento e à ascensão dos movimentos feministas do século XIX, os quais conclamavam a equidade de gênero, anelando que os direitos dos homens chegassem até as mulheres. À medida que o tempo passou, três grandes “ondas” feministas se destacaram, sendo a primeira de cunho social, e sua eclosão ocorrera ainda no século XIX. Essa predecessora, além de invocar a igualdade de

direitos, posicionou-se contra a submissão das mulheres no matrimônio e pelo direito ao voto, ficando conhecida como “sufragismo” (Scott, 1995; Louro, 1997). Ulteriormente a conquista do sufrágio feminino em alguns países democráticos, à época, como no Brasil, nos Estados Unidos e na Nova Zelândia, no século seguinte vicejou-se a segunda “onda” do feminismo, inclinada às lutas dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres e à “crítica ao etnocentrismo, em aliança com os movimentos norte-americanos pelos direitos civis e pelas lutas anti-colonialistas nos EUA e na Europa nos anos de 1960 e 1970” (Colling; Tedeschi, 2019, p. 252).

Essa conjuntura propelia os estudos feministas a advertirem sobre as abissais lacunas de acesso aos direitos básicos entre homens e mulheres, sob a égide argumentativa das características biológicas para legitimar as desigualdades e injustiças historicamente situadas. Por seu turno, a terceira “onda” sobreveio pouco depois, na década de 1980, quando se notaram os movimentos e o pensamento social na direção de uma crítica contundente ao racionalismo essencialista e às categorias da identidade, principalmente de sexo-gênero, raça-etnia e classe social (Colling; Tedeschi, 2019).

É pertinente referenciar as conflagrações, especialmente da “primeira onda”, que constituem (em grande medida) as aspirações e a organização social das mulheres brancas de classe média da época. Mas foi somente na “segunda onda” do feminismo que os movimentos se inclinaram para além das esferas políticas e coletivas em prol das mulheres (no plural), preocupando-se, além disso, com a estruturação de uma teorização consistente e delineada. Com efeito, ao final da década de 1960, iniciou-se uma discussão entre estudiosas e ativistas com profusas críticas à noção de gênero (Scott, 1995; Louro, 1997).

O emprego da expressão gênero inscreve-se, então, por intermédio dos estudos feministas (ao final do século XX), numa categoria analítica (Scott, 1995). De acordo com Scott (1995) e Louro (1997), ao se compreender os processos referentes à construção social das diferenças sexuais, tem-se a possibilidade de perscrutar, com mais profundidade epistemológica e contextual, as relações entre homens e mulheres no interior da organização social. Por essa razão, Judith Butler (1990) investiu esforços na diferenciação entre sexo e gênero. Assim, dilucida a referida estudiosa:

[...] se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a



corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. [...] quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino tanto um corpo masculino como um feminino (Butler, 1990, p. 24).

Nessa esteira de reflexão, com as devidas proporções contextuais e primazias epistemológicas, Louro (1997, p. 21) alega que a anatomia dos corpos não recusa as questões de gênero, ou seja, não há o desejo de “negar que ele próprio se constitui com ou sobre corpos sexuados”, conquanto, o foco reside na concepção social elaborada a partir dessas características. Logo, as desigualdades devem ser examinadas “nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade”, e não nas diferenças biológicas. Portanto, o gênero não se configura como uma categoria fixa, mas, contrariamente, apresenta uma natureza dinâmica, construída, relacional, multidimensional, por sua vez suscetível a metamorfoses (Louro, 1994). A exegese de Scott é semelhante (1995, p. 85), ao glosar que se trata de “uma forma de falar sobre sistemas de relações sociais ou sexuais, bem como, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado o qual expressa uma forma primária de dar significados às relações de poder”. O autor conclui sua ponderação alegando que “seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”.

Nesse sentido, resultam-se enunciados culturalmente pavimentados no falocentrismo e na heterossexualidade compulsória (Butler, 2003). Não sem razão, o gênero foi instituído sob uma perspectiva binária, configurando-se a heterossexualidade como norma, identidade e referência hegemônica. A esse respeito, Louro (1994, p. 39) explica que a sexualidade se inscreve nas urdiduras históricas do tecido social, pois a “emergência da categoria [gênero] representou, pelo menos para aquelas e aqueles que investiram na radicalidade que ela sugeria, uma virada epistemológica”. Complementa seu silogismo ponderando que, “ao utilizar gênero, deixava-se de fazer uma história, uma psicologia, ou uma literatura das mulheres, sobre as mulheres e passava-se a analisar a construção social e cultural do feminino e do masculino”, portanto, “atenta-se para as formas pelas quais os sujeitos se constituíam e eram constituídos, em meio a relações de poder”. À vista disso, infere que o “impacto dessa nova categoria analítica foi tão intenso que, mais uma vez, motivou veementes discussões e mesmo algumas fraturas internas”. A autora supracitada conclui, contudo, em outro estudo, que as “relações de gênero passaram a ser compreendidas e interpretadas de muitas e distintas

formas, ajustando-se ou interpelando referenciais marxistas, psicanalíticos, lacanianos, foucaultianos, pós-estruturalistas [...]” (Louro, 2002, p. 15).

Considera-se, nesse cenário, cuja noção epistemológica pós-estruturalista é relativa à categoria analítica de gênero, uma perspectiva teórica relevante, na medida em que oportuniza problematizar os conceitos naturalizados na sociedade, como, por exemplo, o feminino e o masculino, o certo e o errado, dentre outros maniqueísmos (Mariano, 2005). De acordo com a autora, a concepção de gênero deve estar assentada em teorias que dialoguem com a pluralidade, na tentativa de romper com os discursos lastreados no binarismo estrutural.

A propósito, Mariano (2005) repousou no debate da dualidade sexo-gênero o axioma e as conjecturas de Butler (1990) para questionar “o sujeito feminista” que essas teorias queriam representar, pois preconizava-se que o emprego da linguagem inclusiva seria eficiente para considerar a diversidade do ser mulher. Para a referida autora, essa divisão operou, inicialmente, enquanto dispositivo mobilizador para a política feminista quando propôs a apropriação de que o sexo se consiste em algo natural, e o gênero, por sua vez, refere-se a algo socialmente construído. Perquirir, sob uma postura problematizadora, essa dualidade reducionista oportunizou imprimir o conceito de “mulheres” como sujeitos do feminismo (Butler, 1990).

Os processos de homogeneização, em geral, inoculam um caráter normalizador, classificador e excludente, razão pela qual Mariano (2005) adverte ser imperativo “aprofundar os olhares” para a desconstrução do sujeito do feminismo, e, com efeito, libertá-lo da condição de assujeitamento histórico. Seguindo essa linha argumentativa, a autora supracitada alega que o “sujeito do feminismo passa a ser compreendido sempre como algo que é construído discursivamente, em contextos políticos específicos, a partir de articulações, alianças, coalizações” (Mariano, 2005, p. 494). Por esse motivo, a personagem feminista encontra-se em contínua transmutação no interior das práticas discursivas de uma dada época. A aludida autora integra à sua argumentação o fato de que “a expressão ‘o sujeito do feminismo’ expressa uma concepção ou compreensão do sujeito (feminino) não apenas como diferente de Mulher com letra maiúscula, mas a representação de uma essência inerente a todas as mulheres [...]”. Complementa, no entanto, explanando “como diferente de mulheres, os seres reais, históricos e os sujeitos sociais são definidos pela tecnologia do gênero e efetivamente ‘engendrados’ nas relações sociais”. Conclui, ainda, a ilação que o “sujeito do feminismo não é assim [facilmente] definido: é um sujeito cuja definição ou concepção se encontra em andamento” (Mariano, 2005, p. 217).

Em última análise, o emprego do conceito gênero abandona a compreensão de desigualdade, ancorado em fundamentações genuinamente biológicas e sob a alegação restrita às diferenças físicas entre homens e mulheres, demovendo e expandindo a noção de que os indivíduos produzem e são subprodutos das relações (de poder) instituídas historicamente. No enquadramento do estudo retratado nesta comunicação científica, essas questões tangenciaram as demarcações de gênero estabelecidas no contexto da prática esportiva (leia-se do futsal), engendrando vetores de força, coexistentemente frestas de resistência, conforme se verá na continuidade.

### **As fronteiras de gênero (como desafio) para a prática do futsal feminino na escola**

Seguindo o encadeamento conceitual percorrido na seção anterior – contudo adentrando a especificidade do estudo –, as diferenças quando circunscritas ao campo biológico inadvertidamente se confundem com as questões de gênero, sendo uma estratégia discursiva de poder para legitimar uma noção normativa, homogênea e polarizada do masculino e do feminino, compreendendo, aliás, o universo desportivo, por extensão a Educação Física, segundo Luz Júnior (2002). É fato patente, de acordo com o referido autor, quando se versa o futebol ou a dança no interior desse componente curricular. Mediante a generificação dos conteúdos de ensino, das atividades, do desporto e das normativas sociais, se definem as balizas do que seria masculino e/ou feminino (Knijnik; Machado, 2008; Pereira; Devide, 2008).

Associado ao sistema de poder, o desporto enquanto prática corporal está enredado pelas desigualdades de gênero e reforça os padrões estereotipados, com destaque para a dicotomia biológica entre feminino e masculino. Cientes disso, Knijnik e Machado (2008, p. 28) ponderam que o “esporte pode ser considerado uma instituição social genereficada”, haja vista “tudo aquilo que dispõe ao mundo enquanto normas de comportamento e atitudes, o esporte também é um fenômeno generificador”, pois “espelha concepções dominantes de masculinidade e feminilidade”. Knijnik (2003, p. 28) infere se tratar “de um fenômeno que ajuda a construir a ordem de gênero vigente”.

A “modelagem” dos corpos por intermédio do desporto incide nos sujeitos de diversas maneiras e em distintos ambientes (clubes, comunidade(s), eventos, mídias, aulas de Educação Física, dentre outros domínios do fenômeno), reverberando em padrões de comportamentos, noções estéticas, idealizações e estereótipos, afora plasmar expectativas em relação às habilidades motrizes (Altmann, 2015). Para Dunning (1992), o esporte consiste

numa das esferas de reserva masculina vultosa, a julgar pela conservação das estruturas patriarcais e andriarcais. Inscreve-se, em seus lastros, a legitimação da(s) masculinidade(s) e da hegemonia do homem na sociedade hodierna, malgrado estivera presente em outros momentos históricos. Seus efeitos implicam, invariavelmente, o interior da escola, sobretudo porque são (re)produzidos e (re)afirmados neste ambiente (in)formativo (Dunning; Maguire, 1997). Conectados com as práticas sociais sistematizadas, inclusive as pedagógicas, as feminilidades e masculinidades são corporificadas, imprimindo modos de subjetivação e operação no/do comportamento.

Esse fato está franqueado nos relatos das entrevistadas, quando aludem enunciações à masculinização durante a experiência de praticar e pertencer a uma equipe de futsal. A título de dilucidamento, Aline, uma das depoentes, fez referência a discursos normativos, como: “meninas não sabem jogar futsal, pois o futebol é somente para homens”, ratificando a hegemonia (reserva) masculina presente na esfera da modalidade, como se houvesse uma única feminilidade possível para existência humana (Dunning, 1992; Altmann, 2015). Logo, como se não bastasse ouvi-lo nos círculos (culturais) externos, escutava igualmente no interior da sua própria residência. Percorramos sua descrição:

Eu gosto muito de futebol e meu pai não gosta que eu jogue, entendeu? Ele sempre afirma que futebol é para homens, ele tem preconceito. Ele falou uma vez que eu não iria jogar mais, porque se jogasse não era para eu falar mais com ele e aí eu respondi: certo. E não falei mais com ele, entendeu? (Aline).

O preconceito advindo de familiares em relação às mulheres que jogam futsal foi retratado em outras pesquisas, por exemplo, no estudo de Altmann e Reis (2013). As autoras identificaram que as atletas sofreram com isso, mormente em discursos proferidos por homens pertencentes às suas redes familiares. Por outro lado, indicam situações de encorajamento para persistirem na vivência da modalidade. No cenário prospectado, a entrevistada (Aline) granjeou esteio da mãe, ao ponto de “me apressar para os treinos”. A depoente Marta, por sua vez, enfatizou ser “tudo mais fácil para os meninos no esporte, em se tratando do futebol. Fica muito no machismo, tipo, ah é coisa de menino, menina não deve fazer”. Vê-se, no teor de ambos os relatos trazidos à baila, a impressão do que se espera de cada corpo sexuado, segundo os discursos sociais hegemônicos e historicamente naturalizados. Nos “jogos de poder”, os modos de subjetivação inscrevem e discriminam a verdade sobre os corpos, inclusive instituindo a noção de normalidade ou anormalidade, por assim dizer (Foucault, 2006).

De acordo com Teixeira e Caminha (2012), o preconceito consubstanciado nas experiências de mulheres que (ousam) praticam futsal encontra-se relacionado, de algum modo, à manutenção do padrão feminino, ou seja, da mulher maternal (bela, recatada) e do lar, de maneira a perenizar a relação binária, na qual os homens representam fortaleza, virilidade e dominação, e as mulheres submissão e o “sexo frágil”. Assim, o preconceito se exprime se porventura a condição compulsória da “sexualidade seja desrespeitada, isto é, quando as expectativas pré-concebidas sobre cada gênero são infringidas, desencadeando mecanismos de supressão e proibição que remetem ao anormal” (Teixeira; Caminha, 2013, p. 268).

Alinhada às descrições indicadas por Marta e Aline a respeito das demarcações de gênero no futsal, conquanto acrescentando ao debate um tom de criticidade em relação à profissionalização da modalidade, o depoimento de Cristiane expõe os seguintes argumentos:

Quando você vê na televisão, o futsal feminino e constata as mulheres ganhando um terço do que os homens recebem, não há como negar se tratar de um preconceito, cujo início, por vezes, inicia-se no interior da família. De modo geral as pessoas têm bastante preconceito [...]. Tipo (eles falam), essa menina é macho-fêmea, não sei o quê (Cristiane).

Relativo a isso, Louro (1997, p. 65) comenta sobre o papel da linguagem no que diz respeito às desigualdades de gênero, pois “não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças”. Quando meninas são cognominadas de “macho-fêmea” em virtude de jogarem futsal, trata-se de uma constatação de que essa modalidade apresenta, deveras, uma reserva masculina. Com efeito, esse aviltamento tem implicações para a orientação sexual das envolvidas, até mesmo para deslegitimar o acesso aos saberes e a experimentação desse universo circunscrito aos homens (Altmann, 2015). A propósito, a autora supramencionada, quando perscrutou as relações de gênero na Educação Física escolar, assinalou o futsal enquanto espaço masculino, pois averiguou que as meninas jogadoras de futsal eram chamadas de “maria-homem” e “macho-fêmea” ao priorizarem a referida prática corporal. Na medida em que admitiam esse enquadramento, passivamente acabavam por reforçar toda a rigidez da construção social que fabrica uma única feminilidade ou masculinidade (Connell, 2003). A divisão inflexível compreendendo a questão de gênero no esporte explicita a violência (simbólica e efetiva) à qual meninas/mulheres são expostas diuturnamente, não fosse a força daquelas que resistem e rechaçam o caráter normalizador, classificador e excludente para permanecerem vivenciando o desporto na escola (Mariano, 2005; Altmann, 2015).

Em outro relato, ao se prospectar o discurso relativo de que o futsal é considerado uma modalidade exclusivamente masculina, nota-se de maneira inequívoca os enfrentamentos citados anteriormente. Percorramos a descrição da entrevistada, doravante.

Tipo assim, os outros também falam que menina não sabe jogar bola e têm muitas meninas que são até melhores se comparado a alguns meninos. Às vezes aqui na quadra do bairro os meninos falam: as meninas não vão jogar não. Então a gente monta um time só de meninas e nós “acabamos” com os meninos, você tem que ver. Aí eles ficam bem “pistola” (Aline).

Acompanhando o encadeamento do raciocínio da pesquisada, o professor de Educação Física perscrutado expõe os desafios e as adversidades do coletivo de meninas jogadoras de futsal ao discorrer a respeito da relevância delas na escola. Segundo ele: “elas causam impacto, chamam atenção e geram demandas formativas. Interessante o fato de elas jogarem contra homens, refiro-me aos meninos e conseguirem jogar bem”. Ocorre que as enunciações relativas ao fato de elas “até conseguirem se sair bem” traduzem a recorrência de um argumento fronteiro de gênero. Ora, conseguir até jogar bem contra meninos equivale a dizer que o esperado era que elas não lograssem êxito ao jogar com eles, afinal, emulam contra “os detentores” dos saberes relativos a esta prática corporal institucionalizada. É oportuno destacar que o descontentamento dos meninos no relato de Aline evidencia o ideal de supremacia masculina, dada a inadmissibilidade de eles perderem para elas no futebol.

Quanto a isso, Altmann (2015) dilucida que as relações de gênero instituídas nas aulas de Educação Física não ficam demarcadas tão somente quando os meninos jogam contra as meninas, mas, nomeadamente, nos casos em que alguns deles perdem a bola ou não conseguem realizar gol na equipe delas. Nessas situações citadas pela autora, os meninos proferiram argumentos impingidos de preconceito, apregoando “perdeu até para menina ou até a menina fez gol e o menino não” (Altmann, 2015, p. 113). Trata-se de um cenário, em alguma medida, análogo (*mutatis mutandis*) ao microquadro analítico encontrado por nossa investigação, em que pese o fato de que, mesmo com as investidas de controle e obliteração de acesso e vivência do futsal na escola, houve expressões de rechaço, renitência e transgressão de gênero, os quais serão expostos na seção porvindoura.

### **As adversidades e os processos de resistência na instituição educativa**

À semelhança do exposto em outras passagens do texto, nas quais dissertamos a respeito de o futebol/futsal se conservar como uma área de “reserva masculina”, têm-se indicadores que ratificam essa ilação, a exemplo da desvalorização das mulheres atletas,



retratada na falta de investimento dessas profissionais, via de regra, originada em razão das desigualdades de gênero. No estudo em que se exibem reportagens esportivas difundidas pelas mídias em geral, Devede (2005) avaliza que as coberturas realizadas por essas redes manifestam proeminência da participação dos homens, consecutório ocasionam e reforçam a desvalorização das mulheres e, portanto, assinala a hegemonia dos esportes coletivos pelos homens. No entanto, há de se considerar os processos de resistência engendrados por elas, até porque, atualmente, constata-se um crescimento exponencial de meninas e mulheres praticantes. Essa assimetria de valoração entre os gêneros e a ideia de persistência como estratégia de resistência fica notória no relato de uma das depoentes:

Então, é muito complicado. Porque se torna muito difícil achar patrocínio quando se é mulher. Quando você vê televisão, o futsal feminino, as mulheres ganham um terço do que os homens recebem praticando profissionalmente [...]. Apesar dessas dificuldades, eu ainda acho que de pouquinho em pouquinho a gente vai persistindo e conquistando espaço, não é? (Cristiane).

Ao demonstrar certa criticidade no que concerne à situação das mulheres no futsal, Cristiane franqueia o processo de enfrentamento na modalidade, pois, segundo ela, “[...] de pouquinho em pouquinho a gente vai persistindo e conquistando espaço [...]”. Portanto, o cenário esportivo, malgrado figure enquanto um ambiente preeminentemente masculino e de legitimação à masculinidade, não se encontra inerte, fixo, imutável e inviolável. Prova disso reside nas mudanças dos últimos tempos na esfera esportiva (mas não se encerra nela), ocasionando novas aberturas, descontinuidades e rupturas paradigmáticas (Devede, 2005).

Essas são modificações cujos efeitos suscitam contributos para mitigar as desigualdades de gênero, pois, diferentemente das décadas passadas, na contemporaneidade, testemunham-se diversas conquistas das mulheres no universo futebolístico, tal qual descreveu a referida entrevistada. A título de exemplos, evoquemos a presença delas na arbitragem, as contratações internacionais, os prêmios na FIFA e os cargos técnicos conquistados. Decerto são avanços em um nicho específico, contudo, traduzem alcances sociais mais amplos, os quais reverberam, de algum modo, nos espaços educativos, à semelhança de o prospectado em nossa investigação.

Ainda na esteira dos avanços, tem-se a notoriedade de eventos femininos nas coberturas midiáticas, afora a ampliação nas transmissões dos canais de televisão, com destaque para dois acontecimentos em especial: o primeiro diz respeito à igualdade inédita dos valores recebidos pelas premiações pagas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF)

aos jogadores e jogadoras a partir do ano de 2020, instituídos enquanto eles e elas estiveram em período de preparação para os jogos da seleção brasileira, conforme Rogério Caboclo, presidente da CBF, expôs:

Desde março deste ano, a CBF fez uma igualdade de valores em relação a prêmios e diárias entre o futebol masculino e feminino. Ou seja, as jogadoras ganham a mesma coisa que os jogadores durante as convocações. Aquilo que eles recebem por convocação diária, as mulheres também recebem. Aquilo que elas vão ganhar pela conquista ou por etapas das Olimpíadas do ano que vem será o mesmo que os homens vão ter (Caboclo, 2020, p. 115).

O segundo acontecimento se refere à indicação de Aline Pellegrino, ex-atleta da Seleção Brasileira, para a coordenadoria da pasta relacionada às Competições Femininas da Confederação Brasileira de Futebol. Essa designação denota a imperativa condição de não se esquecer que as conquistas (gradativas conforme apregooou a entrevistada Cristiane) granjeadas no interior do universo esportivo são resultados de conflagrações, colisões e transgressões das mulheres, e não processos naturais de ocupação social.

Um processo de enfrentamento diuturno pode ser depreendido do teor do relato do professor de Educação Física entrevistado, ao chamar a atenção para deficiência de campeonatos e da infraestrutura às praticantes. Visemos seu depoimento:

A gente chegou a ter, tipo, duas competições no ano, jogava dois, três jogos. Depois ia jogar outro campeonato de dois, três jogos. E isso é pouco quando se trata de esporte, não é? [...] É difícil falar, nossa cidade tem muita quadra, mas de difícil acesso, às vezes não tem luz direito. O piso está sempre ruim, quase todos os espaços têm goteiras (Pia Sundhage).

De acordo com Altmann e Reis (2013), não se trata de uma dificuldade e/ou desvalorização que transcorre tão somente no Brasil, mas, segundo as participantes de seu estudo, em toda a América do Sul, destacando-se a ausência de uma organização mais sistematizada para a prática profissional, a falta de campeonatos e de infraestrutura. Doutra perspectiva, Goellner (2005) faz referência a outros dois motivos pelos quais há desvalorização do futebol de mulheres. Vejamos sua explanação:

Recorro a dois deles que são facilmente identificados em vários espaços sociais: a aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza (Goellner, 2005, p. 143).

Em relação ao processo de masculinização das mulheres ao se inserirem no domínio futebol/futsal, Salvini e Marchini Júnior (2013) glosam se tratar de uma noção de feminilidade única, ancorada na exterioridade corporal e no padrão da mulher delicada, frágil e discreta, à semelhança do discorrido na seção anterior. Trata-se de uma constatação igualmente observada pelo docente investigado, ao descrever um quadro ambíguo em relação a essa incorporação de um estereótipo. Diz ele: “Às vezes as meninas se sentem pressionadas a se masculinizarem para serem aceitas e nesse processo, outras se negam a essa masculinização” (Pia Sundhage).

Vê-se um indubitável exercício de fuga e antagonismo de algumas discentes ao não admitirem uma corporificação padrão, de modo que o reconhecimento das desenvolturas não repouse na adesão de um protótipo generificado, mas decorra do direito ao acesso de saberes e experiências formativas advindas desse universo de práticas corporais esportivas (leia-se futsal), tal-qualmente a condição de permanência e granjear de outros territórios de “reserva masculina” (Dunning, 1992). A propósito, a noção de organização maniqueísta dos gêneros está diretamente ligada às relações de poder (Foucault, 2004), que sutilmente agencia os corpos, inscrevendo culturalmente práticas legitimadas enquanto masculinas ou femininas, a partir de signos e reproduções naturalizadas e/ou estereotipadas, consoante ao exposto em outros momentos deste artigo. Essa reprodução de práticas entendidas como supostamente masculinas ou femininas recebe o nome de performatividade, de acordo com Butler (2011).

A performatividade, então, consiste na reprodução contínua e insistente de práticas discursivas normalizantes do masculino ou feminino, alvitando a continuidade dos comportamentos estabelecidos pela cultura. Nota-se este dispositivo no relato do professor investigado, ao alegar que os meninos sistematicamente afiançam que o futsal se refere a uma prática masculina e, por esta razão, era preciso que as meninas masculinizassem seus corpos. A autora supracitada certifica o argumento de que gênero não resulta da natureza biológica, tampouco se encontra instituído em corpos passivos, mas inscreve-se “por meio de uma série de atos que são renovados, revistos e consolidados ao longo do tempo” (Butler, 2011, p. 75). À vista disso, torna-se admissível a ilação cuja masculinização dos corpos femininos no futsal interferiu na adesão e aderência das meninas na escola pesquisada.

Trata-se de uma inferência verossímil e alinhada ao cenário prospectado por Araujo (2015) quando, ao perscrutar as teses e dissertações relativas ao tema deste texto, identificou que o universo do futebol influencia a construção identitária de mulheres que praticam a modalidade. A partir de alguns excertos, a autora comenta as situações de afastamento e resistência ou a adequação das meninas do futsal ao modelo hegemônico, em virtude da

masculinização dos corpos cuja prática corporal pode engendrar. Isso equivale dizer que esse marcador social (leia-se masculinizante) pretende diuturnamente domesticá-las e cooptá-las, conquanto parte significativa delas escapa ao agenciamento dos processos de subjetivação, reafirmando a condição de mulheres jogadoras. É pertinente evocar que as identidades igualmente são forjadas historicamente e sob determinados contextos temporais, portanto, advêm de processos e relações sociais, *pari passu* se modificam e engendram (de)formações identitárias (Hall, 2006; Silva, 2000).

Sendo assim, consideram-se todas as possibilidades do ser mulher e jogadora de futsal, na medida em que não há um único modo de ser e estar no mundo, sendo homem ou mulher (Mariano, 2005). Decerto o acesso e a continuidade da experimentação do futsal por parte dessas meninas visibilizaram processos de resistência e transgressão, considerando a micropolítica (assimétrica) das relações de poder enleada na complexa tessitura do contexto escolar prospectado. Na continuidade, têm-se algumas ponderações a respeito da microrrealidade pesquisada.

### **Considerações (provisórias) finais**

No centro de nossa perscrutação estiveram um coletivo de meninas e um professor de Educação Física corresponsáveis por arquitetarem a prática do futsal de maneira sistematizada, em uma instituição escolar pública, situada num município da região Sul de Minas Gerais. O destaque foi o protagonismo das discentes para postular um horário específico para a prática do futebol junto à direção escolar. Embora se possa conjecturar que a presença da referida prática esportiva corresponda a algo prosaico no interior do espaço escolar, haja vista a cultura futebolística (por suposta) franqueada e democratizada a todos(as), a literatura especializada revela que o futsal figura como um espaço de hegemonia masculina. Esta é reforçada, em grande medida, pelos arquétipos generificados que excluem as mulheres dos espaços e das experiências socioculturais em que há certa “reserva” para homens (Dunning, 1992; Altmann, 1998; Goellner, 2005; Bastos; Navarro, 2009; Kessler, 2015; Devide, 2005, 2007; Teixeira, Caminha, 2013). Não sem razão, o excerto anteposto para compor a epígrafe de nosso artigo expõe uma ilação do historiador Jacques Le Goff (2007), preconizando a relevância das manifestações culturais artísticas – as quais ele denominou de divertimentos – para compreender a tessitura de uma sociedade, em um dado tempo histórico. E, de fato, o estudo expôs questões interessantes, ora acompanhando a

tendência da literatura científica, ora realçando idiosincrasias referentes ao microquadro analítico prospectado.

Ao abrigo de uma perspectiva qualitativa (Lüdke; André, 1986; Sampieri; Collado; Lucio, 2013) e valendo-se de entrevistas narrativas (Andrade, 2012) para a produção dos dados empíricos com as participantes e o docente entrevistado, a investigação constatou que a prática do futebol “das meninas” se desenvolveu de modo tardio. Isso se esta for comparada à experiência do grupo de meninos, devido a um conjunto de fatores e variáveis culturais, com destaque para algumas ingerências familiares, a despeito de existir relatos de encorajamento por parte de componentes do núcleo familiar, à semelhança do exposto na primeira categoria analítica. As entrevistadas aludem, além disso, a enunciações e associações à masculinização ao longo da experiência de praticar e pertencer a uma equipe de futsal. Doutra parte, notaram-se (tacitamente) alguns lampejos e tentativas de redes de sociabilidade entre meninos e meninas em torno do mote futebol, na medida em que havia algum tipo de partilha. Assim, torna-se admissível conjecturar que as interações sociais tecidas na instituição educativa afetaram, de alguma maneira, aquela realidade, dado o fato de o futsal praticado por elas ser menos questionado entre os integrantes da comunidade escolar, em que pese, ainda, a constatação de discursos machistas e sexistas (Butler, 2003, 2011). Todavia, as meninas resistiram e granjearam um lugar relevante de (re)existência, sentindo-se pertencentes e fortalecidas no interior do universo futebolístico (Sarmiento, 2002). Notaram-se, ademais, demarcações de gênero no futsal, demovendo o debate à profissionalização da modalidade.

No tocante à segunda categoria, ratificou-se o panorama desvelado pela primeira categoria em relação ao processo de masculinização das mulheres, ao se inserirem no domínio futebol/futsal. Neste sentido, a despeito de um ambiente majoritariamente masculino, se verificaram transformações nos últimos tempos na esfera esportiva cujos efeitos promovem contributos para mitigar as desigualdades de gênero. Há, por outro lado, deficiência de campeonatos e infraestrutura para as praticantes, consoante ao relatado pelo professor entrevistado. A propósito, sublinha-se o fato de o referido docente trabalhar com meninos e meninas conjuntamente, constatação por suposto presumível. Entretanto, em muitas escolas brasileiras isso não ocorre, pois há separação por gênero, e por esse motivo faz jus o destaque. Ao ensejo, o “mentor do coletivo” (leia-se o professor pesquisado) se mostrou preocupado com as desigualdades de gênero no contexto do futebol, todavia, não trouxe à baila nenhuma ação mais sistematizada em seus relatos. À vista disso, não poderíamos deixar de aludir à perspectiva de formação coeducativa para se mitigar as disparidades entre meninos e meninas no contexto institucional, haja vista que essa premissa formativa se mostra exitosa e

auspiciosa em alguns quadros investigativos (Saraiva, 2002; Corsino; Auad, 2012). Apesar de o referido docente não a citar de modo explícito, seus relatos fornecem vestígios de uma propensão à problematização de gênero no esporte, conquanto ainda se encontre tímida em termos de abrangência coeducativa.

Espera-se que o estudo em questão possa se somar a outros. Assim, com efeito, preconizará caminhos heurísticos e didáticos para se pensar o ensino da prática esportiva no interior das aulas de Educação Física escolar (Vieira; Carneiro; Scaglia, 2025), à medida que o microcosmo investigado evidenciou acesso aos saberes, e as experiências formativas vicejaram um “solo” auspicioso para uma (co)educação democrática e que considere as diferentes maneiras de ser e existir no mundo (Eto; Neira, 2017).

Em que pesem os limites da pesquisa – o tempo destinado à investigação; a dificuldade de acolher e dialogar a respeito de vários motes insurgidos com o coletivo de meninas; a ausência de interlocução com as famílias e a impossibilidade de explorar a constituição de redes de interações sociais –, os elementos e vestígios suscitados pela investigação tornam-se vislumbres para se pensar os “itinerários de resistências” das meninas perscrutadas, a fim de que se tornem lugares de pertencimento, permanência e convivência humana, independentemente dos marcadores sociais com os quais se reconheçam.

### Referências

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. 1998. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, MG, 1998.

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. Campinas-SP: Cortez, 2015.

ALTMANN, Helena; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamento e de conquistas. **Movimento**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 211-232, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/35077>. Acesso em: 27 ago. 2025.

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 173-194.

ARAÚJO, Mahinã Leston. **Mulheres no futebol: enunciações em jogo nas teses e dissertações do banco de teses CAPES**. 2015. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2015. Recuperado de <https://sistemas.furg.br/siste-mas/sab/arquivos/bdtd/0000010856.pdf>.



BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BASTOS, P. V.; NAVARRO, A. C. O futsal feminino escolar. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 1, n. 2, abr. 2009. Disponível em:

<https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/18>. Acesso em: 27 ago. 2025.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Rio Grande-RS, 1994.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia e Política da UFSC**, v. 2, nº 1 (3), jan./jul. 2005. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 27 ago. 2025.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1990. p. 151-172.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). **Gênero, cultura visual e performance. Antologia crítica**. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011. p. 69-87. Disponível em:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23585/1/Genero%2520Cultura%2520Visual%2520Performance.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2025.

CABOCLO, R. **CBF equipara diárias e premiações pagas às Seleções Brasileiras**.

Confederação Brasileira de Futebol, agosto, 2020. Disponível em:

<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/presidente-da-cbf-anuncia-equiparacao-das-diarias-pagas-as-selecoes-br>. Acesso em: 04 abr. 2025.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (Org.). **Dicionário Crítico de Gênero**. 2. ed. Dourados-MS: UFGD, 2019. 752p.

CONNELL, Raewyn. **Masculinidades**. México: UNAM-PUEG, 2003.

CORSINO, Luciano Nascimento; AUAD, Daniela. **O professor diante das relações de gênero na Educação física escolar**. Cortez: São Paulo, 2012.

DEVIDE, Fabiano Pries. **História das Mulheres na natação brasileira no século XX**: das adequações às resistências sociais. 2003. 347 f. Tese (Doutorado em Educação Física e Cultura) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e Mulheres no Esporte**: História das Mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Unijuí, 2005.

DUBET, François; DURU-BELLAT, Marie; VÉRÉTOUT, Antoine. As desigualdades escolares antes e depois da escola: organização escolar e influência dos diplomas.

**Sociologias**, [S. l.], v. 14, n. 29, 2012. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/26319>. Acesso em: 27 ago. 2025.

DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial, 1992. p. 389-412.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As Relações entre os Sexos no Esporte. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 321, 1997. DOI: 10.1590/%x. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12151>. Acesso em: 27 ago. 2025.

ETO, Jorge; NEIRA, Marcos Garcia. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 3, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/42732>. Acesso em: 27 ago. 2025.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Forense: Rio de Janeiro, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso (A)**. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I**: a vontade de saber. São Paulo: Graal, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, Feminina e Maternal**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. In: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman. **O Mundo Psicossocial da Mulher no Esporte**: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. p. 359-373.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. DOI: 10.1590/S1807-55092005000200005. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>. Acesso em: 27 ago. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KESSLER, Cláudia Samuel. **Mais que barbies e ostras**: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. 375f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **A Mulher Brasileira e o Esporte**: seu corpo, sua história. São Paulo: Mackenzie, 2003.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; MACHADO, Afonso Antonio. Bailarinos do esporte: notas sobre novas masculinidades em campo. *In*: ROMERO, Elaine; PEREIRA, Erik Giuseppe (Org.). **Universo do corpo**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: SHAPE/FAPERJ, 2008. p. 153-161.

LE GOFF, Jacques. **Uma vida para a história**: conversações com Marc Heurgon. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 11, p. 31-46, nov. 1994. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11412>. Acesso em: 27 ago. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997. p. 14-36.

LOURO, Guacira Lopes. Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. *In*: VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1999. p. 83-107.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a Educação. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 541, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200012>. Acesso em: 27 ago. 2025.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUZ JUNIOR, Agripino Alvez. GÊNERO & EDUCAÇÃO FÍSICA: tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimento. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 19, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/957>. Acesso em: 27 ago. 2025.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Revistas de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483-505, dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300002>. Acesso em: 27 ago. 2025.

PAES, Roberto Rodrigues. A Pedagogia do Esporte e os jogos coletivos. *In*: ROSE JUNIOR, Dante de Rose (Org.). **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. p. 89-98.

PEREIRA, Marlyson Junio Alvarenga; REIS, Fábio Pinto Gonçalves dos; MAZZEI, Davi Luiz. Fluxos, poéticas e (des)continuidades: um tensionar da hierarquia eu/outro em produções pós-críticas sobre gênero, sexualidade e educação. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 9, n. Especial, p. 600–626, 2024. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12675>. Acesso em: 27 ago. 2025.

PEREIRA, Viviane Cristina Alves; DEVIDE, Fabiano Pries. Futebol como conteúdo generificado: uma possibilidade para rediscutir as relações de gênero. **EFDeportes**, Revista Digital, v. 30, n. 48, p. 1-9, set. 2008. Acesso em: <https://www.efdeportes.com/efd118/futebol-como-conteudo-generificado.htm>. 27 ago. 2025.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Notoriedade mundial e visibilidade local: o futebol feminino na Revista Placar na década de 1990. **Sociologias Plurais**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2013. DOI: 10.5380/scplpr.v1i1.64742. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/scplpr/article/view/64742>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández, LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SARAIVA, Maria do Carmo. POR QUE INVESTIGAR GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER? **Motrivivência**, n. 19, p. 79-85, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/958>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SARMENTO, M. J. Infância, exclusão social e educação como utopia realizável. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 78, p. 265-283, abr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000200015>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 156p.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitana de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 265-287, 2012. DOI: 10.22456/1982-8918.30943. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/30943>. Acesso em: 27 ago. 2025.

VIEIRA, Rubens Antonio Gurgel; CARNEIRO, Kleber Tüxen; SCAGLIA, Alcides José. Ensino de esportes na Educação Física escolar: das marcas da modernidade aos desafios contemporâneos. **Revista Educação, Ciência e Cultura**, v. 30, n. 2, 2025. Disponível em: <https://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/12523/4863>. Acesso em: 27 ago. 2025.

**Enviado em:** 07/04/2024.

**Aceito em:** 19/08/2025.

**Publicado em:** 26/12/2025.